

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

ANDRÉ SCHLATTER MENDONÇA

QUANTO TEMPO QUISER

Um memorial sobre a produção de um disco

PORTO ALEGRE

2016

André Schlatter Mendonça

Quanto Tempo Quiser

Um memorial sobre a produção de um disco

Trabalho de Conclusão de Curso de Música, com
ênfase em Música Popular, da UFRGS

Orientador: Luciano Zanatta

PORTO ALEGRE

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Mendonça, André Schlatter

Quanto Tempo Quiser, um memorial sobre a produção de um disco / André Schlatter Mendonça. -- 2016. 25 f.

Orientador: Luciano Zanatta.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. produção fonográfica. 2. improvisação livre. I. Zanatta, Luciano, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Súmarío

Prefácio.....	6
Introdução.....	6
Objetivo.....	7
Metodologia.....	7
Objeto das gravações.....	7
Sobre as escolhas – as pessoas e o lugar.....	8
Pré-produção – gravação de ideias, reconhecimento do local, necessidades da gravação, manejo dos envolvidos e cronograma.....	10
Produção - ida a Feliz, processo gravação.....	11
Processo pós-gravação – Montagem minha, mixagem com o Ber, mapa do álbum e apresentação.....	15
Conclusão	26
Bibliografia.....	27

Prefácio

Este trabalho é um memorial e a sua escrita foi feita em dois momentos distintos: antes das gravações e depois. Será um texto dividido em duas partes temporais: anterior a gravação, na qual falarei do projeto como num futuro, e pós-gravação, na qual usarei o passado. Também quero ressaltar que farei uso de uma linguagem coloquial no relato dessa experiência, para tentar ambientar o clima e facilitar a leitura.

Introdução

Meu trabalho de conclusão de curso é uma produção fonográfica feita em conjunto com pessoas com quem compartilho minha vivência musical, será na cidade de Feliz, onde tem a casa da minha vó, Olga. As pessoas que trabalharão comigo são basicamente com quem tenho bandas: André Garbini (Dé), Bernard Simon (Ber), Bruno Braga, Caio Mello, Leonardo Bittencourt (Leo), Gustavo Foppa e Pedro Moser, além de outros convidados, como a Manuela Falcão (Manu), Gabriel Burin (Gabi) e Lorenzo Flach (Lore).

Desde que comecei a pensar no meu projeto, imaginei fazer um álbum com meus amigos. Algo não tão duro e “picotado” como entrar em estúdio, fazer sessões de duas horas por dia. A minha experiência gravando o álbum “Prospecto”, com a Marmota¹, foi de irmos à casa do Leo e ficarmos lá menos de duas semanas: ensaiando, gravando, curtindo, criando o ambiente e os conceitos. Fez o resultado ter uma sonoridade muito particular, além de ter sido um processo muito tranquilo, agradável.

A princípio, pensei em levar alguns amigos meus, músicos, para Rainha do Mar² ou Palmital³ e montar lá os equipamentos de gravação para fazer o trabalho, visto que eram lugares nos quais já havia tido gravações com algumas das mesmas pessoas com quem trabalho. No entanto, no início de julho, gravamos duas músicas da Nacional Riviera⁴ na casa da vó de um amigo meu, em Porto Alegre. Ficamos uma semana lá, até passamos uma noite não muito confortável, e aí que eu pensei na casa da minha família na Feliz. Uma casa grande, vários quartos, camas, piscina, campo de futebol, mesa de ping-pong... Além de um piano de parede numa sala grande para gravarmos tudo!

Sobre as músicas a serem gravadas: é a parte mais difícil. Comecei pensando nas junções de instrumentos acústicos e eletrônicos, pegar standards de jazz ou músicas

¹ Marmota é uma banda composta por mim no contrabaixo acústico, Pedro Moser na guitarra, Leonardo Bittencourt no piano e Bruno Braga na bateria. O álbum “Prospecto” foi produzido por nós e lançado 12/07/2015.

² Casa do Ber em Rainha do Mar, praia brasileira situada no estado do RS, um dos balneários que compõe a orla marítima de Xangri-lá.

³ Casa de Guilherme Netto, outro amigo, na Lagoa do Palmital, em Osório/RS

⁴ Nacional Riviera é uma banda formada por mim no baixo elétrico, André Garbini na bateria e voz, Bernard Simon na guitarra e voz, Caio Mello na guitarra, bandolim e voz, Gustavo Foppa na guitarra e voz e Leonardo Bittencourt no teclado e voz.

brasileiras, algo com o que sou familiar, e revisita-los. Pensei em fazer algumas ideias em casa e levar para Feliz, onde, em grupo, mudaríamos tudo. Este foi aonde eu mais me foquei, comecei a fazer gravações caseiras no *Reaper*, principalmente com o baixo acústico, onde eu improvisava durante um tempo, para depois analisar e ver o que parece bom para levar adiante.

Agora penso que a escolha do que vai estar no álbum passa muito mais da nossa ida à Feliz do que o que estou pensando agora. Vou levar, sim, as ideias que estou pensando nessa pré-produção, mas o que mais vai importar é o que sair de lá. Acho que a experimentação que acontecer lá vai ser muito mais importante do que quaisquer ideias que eu leve. O mais valioso vai ser a interação entre as pessoas que estiverem lá, o momento. Por isso a importância de ser num lugar e com pessoas que todos se sintam confortáveis e livres.

O que nos leva para o uma parte importante, o meu trabalho a seguir: falar sobre esse processo. O foco principal das páginas a seguir será tentar explicar as escolhas que fui fazendo. Sobre como cada decisão influencia em como o álbum vai soar e expondo as motivações de cada passo.

Objetivo

Este meu projeto tem como objetivo gravar um álbum de entre 30 e 60 minutos, além de um memorial de texto, áudio e fotos para evidenciar o projeto. O conteúdo musical será gravado na cidade de Feliz, Rio Grande do Sul, dos dias 11 ao 15 de setembro de 2016, e depois selecionado e tratado para tornar a ser um produto consistente, sonoramente interessante.

Metodologia

A produção vai ser dividida em três partes: pré-produção, produção e pós-produção. Na pré-produção vou preparar tudo para que possamos chegar lá e gravar tranquilos: como em que ideias musicais vou levar, como cada uma das pessoas envolvida vai para Feliz, que dias, o que comeremos, uma ideia de cronograma para nossa estadia. A produção será o tempo que estivermos lá, sobre a experiência de montar o lugar para gravação e das ideias que tivermos. Na pós-produção será sobre escolher o que botar no álbum, além de mixagem e masterização.

Para produzir o texto e justificar esse projeto, usarei como metodologia diário e registros de campo, que contarão com minha observação participante, além de um material de fotos e vídeos e de uma revisão bibliográfica.

Objeto das gravações

Pretendo gravar momentos de Feliz. Em sua maioria, performances musicais, tanto individuais quanto de nós juntos, além de registrar momentos como conversas, jogos, natureza. O que quero como resultado dessa semana de imersão é material para poder montar uma colagem sonora ao voltar para Porto Alegre: uma interseção de climas e música.

Sobre as escolhas

As pessoas

Com quem eu faria um trabalho para concluir a faculdade senão com as pessoas que eu me relacionei durante este tempo? Só gente boa, com quem eu fico confortável tanto no processo de gravação quanto durante o tempo de lazer. A seguir vou dissertar sobre a relação que tenho com as pessoas que escolhi, musical e pessoal.

Começo por quem vai fazer a função de captar o som para o álbum, que é Bernard Simon. Ele tem um estúdio chamado Casinha, e com ele gravei vários projetos, como o “Prospecto” da Marmota, no qual foram transportados os equipamentos para a casa do Leo e lá gravamos, ao vivo. Além disso, ele é guitarrista da Nacional Riviera, banda que faço parte. Ele consegue produzir muitos sons diferentes com pedais, além de ser o técnico da gravação, vai levar o equipamento necessário para captarmos tudo: microfones, prés, computador, cabos e alguns instrumentos.

Também vão gravar comigo os guris da Marmota: Bruno Braga, Leonardo Bittencourt, e Pedro Moser. Temos um trabalho autoral, além de tocarmos um jazz. Com Leo e Bruno, também estou participando do TCC do primeiro, uma performance pública em formato piano jazz trio. O Leo é pianista e meu companheiro musical mais antigo, participamos juntos na maioria dos trabalhos que eu tive, além de ser meu amigo mais antigo e um ótimo músico. Pedro foi com quem comecei a tocar jazz, quando nos conhecemos começamos a ir a casa dele e ficar tocando madrugada a dentro, ele guitarra e eu no baixo elétrico. Junto de Pedro, Leo e Caio, fui para Boston, nos Estados Unidos fazer um curso na Berklee College of Music. O Pedro também está fazendo um trabalho de música eletrônica, algo que espero que ele leve para Feliz. E o Bruno é um dos bateristas que mais gosto de tocar junto, muito energético, engraçado e musical.

Outra banda que vou levar para Feliz é a Nacional Riviera, chamarei, além do Leo e do Ber que fazem parte e já foram citados, André Garbini, Caio Mello e Gustavo Foppa. Fazemos um trabalho com canções, mas sem se prender tanto em algum estilo. O Dé é um baterista que é não é baterista, na maior parte do tempo está cantando ou tocando outros instrumentos. O Caio é outro multi-instrumentista: toca o que vier pela frente. Conheço ele há tempo e já passamos muitas coisas juntos, apesar de ter demorado para ter um projeto

musical com ele. Foppinha é quem começou a Nacional, guitarrista, cantor e compositor. Todos sempre muito afim de fazer um som.

Mais uma pessoa que vai se juntar a nós é a Manuela Falcão. Ela não é música, mas formada em cinema e uma artista. Vai nos ajudar nos registros de foto e vídeo, além de ajudar na “climatização” do ambiente, como luzes, vibes e comidas. Temos um relacionamento muito forte, é uma das pessoas que me sinto mais confortável perto.

O Gabriel Burin e o Lorenzo Flach são os outros dois com quem não tenho banda. São grandes amigos que estão sempre aí. O Gabi é um músico amador, mas muito musical. Ótima pessoa, sempre bom ele estar junto. O Lore é um músico profissional, guitarrista requisitadíssimo e outro cara muito tranquilo, de boa.

O lugar

A cidade de Feliz é tranquila, de 12 mil habitantes. Minha família tem casa lá, e tem vínculos fortes com a comunidade, pois o Hospital Schlatter, hospital da região, foi criado pelo meu tataravô, Gabriel Schlatter, e permaneceu sob direção da minha família até o meu avô, Theo.

A escolha da casa de Feliz começou pelo fato de ser uma casa que comporta bastante gente, além de ter uma sala com piano. É uma casa com quatro quartos, que foi crescendo à medida que a família crescia, para acomodar todos. Passei bastante tempo da minha vida indo para lá, principalmente durante férias e feriados, mas não cheguei a morar nessa casa.

Como eu disse antes, é um lugar que tem uma área de lazer muito grande, com mesa de ping pong, piscina, churrasqueira e campo de futebol, tornando o tempo que não estivermos gravando muito fácil de relaxar, e é isso que é uma das bases do que quero para o meu trabalho: todos os presentes confortáveis, fazendo coisas que gostam – esse é o sentimento que quero captar.

Pré-produção

Gravação de ideias

Durante o primeiro semestre do ano até a imersão na Feliz, tenho feito algumas gravações de improvisos. Na sua maioria, eu só apertei para gravar e ia tocando com o baixo acústico. Então pude parar para avaliar os sons para ver se alguma ideia me chamava à atenção para levar adiante para as gravações.

Esse processo é bom para me familiarizar com o som que eu tiro do instrumento, reconhecer coisas que gosto e também o que eu costumo tocar. É um hábito que força a criatividade e a busca por ideias. Me lembra o que ouvi de Toninho Horta, na masterclass que houve no Instituto de Artes de Porto Alegre dia 07/04, na qual ela recomendava não só

o estudo da técnica do instrumento, mas também que se desse tempo para somente tocar. Um exercício de composição, mudando a relação de instrumentista performático para criador: uma outra intimidade com o instrumento.

Reconhecimento da Feliz

Dia 22/08 fui de carro com Bernard para avaliar a situação da casa, do lugar para gravar, se precisaríamos de muitos abafadores, se teria lugar para montar uma técnica. Fomos e foi ótimo. Tenho que me reunir com ele e o Rodrigo Messias (companheiro de Casinha do Ber) ainda para ver o que precisamos levar. O piano não está muito desafinado, vou tentar falar com o Person, mas se não conseguir data vamos assim mesmo. Temos que levar instrumentos e amplificadores: bateria, contrabaixo acústico, contrabaixo elétrico, violões, guitarras, teclados, PAs, além de todo material para gravação, como computador, microfones, cabos. Vou levar também um gravador Zoom para poder ficar gravando nos momentos alternativos.

No dia seguinte, 23/08, liguei para o Person Losekann, afinador de pianos, para marcar uma afinação. Ele só podia 16/09, então decidi por deixar assim mesmo.

Necessidades da gravação

Dia 26/08 tive uma conversa com os guris da Casinha, Bernard e Messias. Somente Bernard vai fazer a imersão junto, o Rodrigo não vai participar ativamente do processo. Não me aconselharam levar muitos PAs, comentaram de fazer um uso maior de fones durante a gravação, o que faz sentido devido ao caráter acústico da maior parte dos instrumentos. De resto, combinamos de levar tudo que podíamos de microfones, além de que o Ber vai levar o MAC dele para gravarmos.

Translado dos envolvidos

No manejo tenho de me preparar para receber todos da melhor maneira possível na casa na Feliz. É necessário um planejamento de deslocamento de pessoas e equipamentos Porto Alegre <=> Feliz, além de a casa estar em condições de abrigar todas as pessoas, com comida, bebida e clima.

Com isso em vista, primeiro falei com as pessoas para ver quando elas podiam e queriam ir para lá:

Pedro domingo a terça-feira. Leo a partir de segunda. Bruno domingo, quarta de noite. Foppa quarta. Lore segunda. Garbini e Caio todos os dias menos alguns. Bernard todos os dias. Manu de domingo a quarta. Pedro e Gabriel vão nos dias que conseguirem, não sabem ainda.

Fora os carros que vamos, Gabriel e Pedro ainda vão de carro, o que resulta em várias caronas. O ônibus vai ser utilizado também, pelo Garbini pra voltar a Porto Alegre na segunda-feira, para Bruno voltar pra Porto Alegre terça e quinta, e para Foppa ir pra Feliz na quarta e voltar quinta.

Cronograma

Pensei em criar um cronograma, mas optei por não criar. Vamos estar lá durante seis dias, com tudo a disposição. Acho impossível não sairmos de lá com material insuficiente para o meu trabalho e que vamos conseguir aliar bem os momentos de lazer com de produção.

Produção

A partir deste ponto, começo a falar de coisas pós-gravação, utilizando então o uso de pretérito, visto que foi escrito após os fatos acontecerem. Destaco também a utilização de um valor tempo entre colchetes para indicar um momento no áudio final, pois cito alguns exemplos sonoros que fazem parte do trabalho.

Ida à Feliz

Saímos de Porto Alegre dia 10, sábado, de noite, para podermos começar a produção e preparação do lugar e já poder sair gravando sábado, dia 11. Passei no supermercado pra comprar mantimentos para o fim de semana e fui a casinha no fim da tarde encontrar o Ber, o Dé e o Caio para irmos pra Feliz. Chegando lá, está Messi também, e chegam Gabi Burin e Mig (Miguel Moser, irmão do Pedro e outro bom amigo) pra ajudar no transporte das coisas para o carro. Vamos em dois carros, o do Dé e o do Ber, com eles dirigindo. Enchemos os dois carros e fomos eu e Ber num carro, Dé e Caio no outro.

Chegando lá, depois de uma viagem tranquila, botamos as coisas pra dentro da casa e já fomos abrindo espaço para tudo, mexendo na sala principal, na de jantar e na técnica. (Fotos) Pensamos em montar com algo entre piano e baixo e a bateria, deixamos uma das poltronas. No primeiro dia só gravamos coisas com a Zoom, acústicas, algumas batucadas. Começamos também a jogar ping pong. Fazíamos duplas e até inventamos um jogo novo, posteriormente polido e chamado de Le Gran Pong, ou Volei-Pong.

Domingo vieram Pedro e Manu. Chegaram no início da tarde e trouxeram um pendrive do Messias com atualizações pra tentar fazer a placa de som e o PROTOOLS funcionarem, pois não estávamos conseguindo gravar nem no MAC do Ber nem no do Caio. Continuou não funcionando, o Ber passou o dia inteiro nessa função e o resto de nós continuamos gravando algumas coisas com a Zoom. Ber saiu da Feliz pelas 23h para ir a Porto Alegre, pegar o computador da Casinha mesmo, para podermos gravar tranquilos. Ele chegou às 02h de volta e gravamos um dos sons que foi para o CD[21min 20seg], começando a gravação às 3h41.

Segunda pelo almoço chegou Leo e Dé foi embora para ensaiar. Chegou de volta pelas 20h com Gabi Burin, Bruno e Lorenzo. Gravamos bastante, até quase de manhã, e no outro dia Bruno saiu 13h e Pedro, Caio e Lore saíram de tarde. Na terça-feira, ainda, a Manu e o Gabi estavam cozinhando, fritando bacon e alguns legumes, captei com a Zoom[37min 47seg], sabendo que ia usar. Depois deixei rolando a gravação na cozinha, rola muitos papos e preparações de comidas e bebidas.

Quarta-feira Dé saiu de manhã e voltou à noite com Caio e Bruno, e Foppa chegou logo antes do almoço. No fim do dia, ouvimos uma versão do Brad Mehldau de “And I Love Her”, dos Beatles, no outro dia de manhã Leo foi direto para o piano, tocar. Consegui deixar gravando, mas, na correria, não liguei todos os prés. Como resultado, a maior parte do som do piano nesse take vem do microfone que estávamos usando para o baixo[19min 44seg]. Bruno saiu na quinta às 13h, depois de termos feito uma gravação tocando muito alto[18min 9seg], mal dava pra ouvir o baixo, mesmo com ele nos fones. Sexta, acordamos e, aos poucos, desmontamos tudo e voltamos pra Porto Alegre de tarde.

Todas as gravações feitas foram de improvisações livres. Íamos para onde éramos levados: cada um no instrumento que quisesse. O máximo de composição prévia foi ter uma ideia para o começo, como no dia 4, 00h11, foi o “take das palmas” [43min 54seg]. O Bruno comentou: “Vamos entrar lá, todos, e começar a bater palmas.”. Então começou: eu entrando e batendo, aos poucos os outros foram. A partir daí era absolutamente livre, logo depois pegamos instrumentos também, também continuamos utilizando percussões corporais.



Sala principal, dia 2.



Sala técnica, dia 2. (Ber)



Le Gran Pong sendo jogado, dia 4. (Caio, Dé, Ber, Eu)



Sala principal, dia 3. (Caio, Leo, André(Eu), Ber, Pedro)



Sala principal, dia 4. (Caio, Leo, Gabi, Dé, Eu, Ber)

Pós produção

Colagem

Depois de voltar pra Porto Alegre, fiquei o fim de semana sem ouvir nada das gravações. A partir de segunda comecei a ouvir todas. Passei a semana inteira ouvindo, achando as partes que me chamavam mais atenção, anotando e exportando elas como arquivo de áudio, para me ajudar na organização e também disponibilizar para meus amigos que foram para lá. As gravações foram todas feitas utilizando Pro Tools, e não tinham sido gravados em projetos diferentes, só em novos takes, então eu, utilizando o Reaper, ia ser impossível só importar o projeto, ia ficar muito confuso. O único jeito que fez sentido para eu me organizar foi separando os takes pelo dia e pelo horário que começou a gravação, pois no arquivo está marcada a “Data de criação”, ficando uma maneira simples de pegar os arquivos dos 16 canais que tínhamos.

Outra coisa que notei durante as audições foi de que, dos lugares que botamos os amplificadores, um microfone de um pegava o que saía no outro. Como não há takes usando os dois ao mesmo tempo, não atrapalhou em nada, além de abrir a possibilidade de utilizar essa ambiência.

Após catalogar os takes, comecei a fazer uma primeira tentativa de álbum. Comecei com uma das primeiras ideias que tive para o TCC: começar por uma gravação de baixo solo, do dia 6, 11h36. Tive essa ideia ouvindo Elza Soares, no Mulher do Fim do Mundo, que começa ela *a capella*, e logo entra a banda. Na primeira tentativa tentei fazer uma transição para a segunda música com uma guitarra com delay reverso, para fazer uma ambiência, mas logo na segunda versão da tentativa, juntei a um take que começa baixo e logo entra bateria, dia 5, 12h21. Acho que encaixou bem, ficou quase imperceptível a troca de takes[2min 40seg], também por ter várias ideias semelhantes. Ainda gostei muito também da entrada do piano, entrando gentilmente como terceiro instrumento ainda – e todos acústicos.

O fim do take dia 5, 12h21, acaba, no meu ver, dando abertura pra uma transição entre músicas, além de uma risada[12min 16seg], introduzindo sons mais casuais, algo que tem por todo álbum. Então, com o take do dia 4, 16h52, são introduzidos os primeiros instrumentos elétricos e eletrônicos: um sintetizador e uma guitarra ligada num pedal Moog e daí direto em linha, sem amplificador, além de manter várias coisas acústicas, como percussões e bandolim. Ele vai inteiro, mas começam também as sobreposições, pois, em determinado momento, o volume dele abaixa e entram outros, dia 6, 11h56, que classifico como “quebração” [18min 9seg], pois tocamos num volume bastante forte. A ideia dessa inserção foi pra dar uma mudar de um som que é mais “ambiente”, “ambiental” para algo mais rápido, e forte.

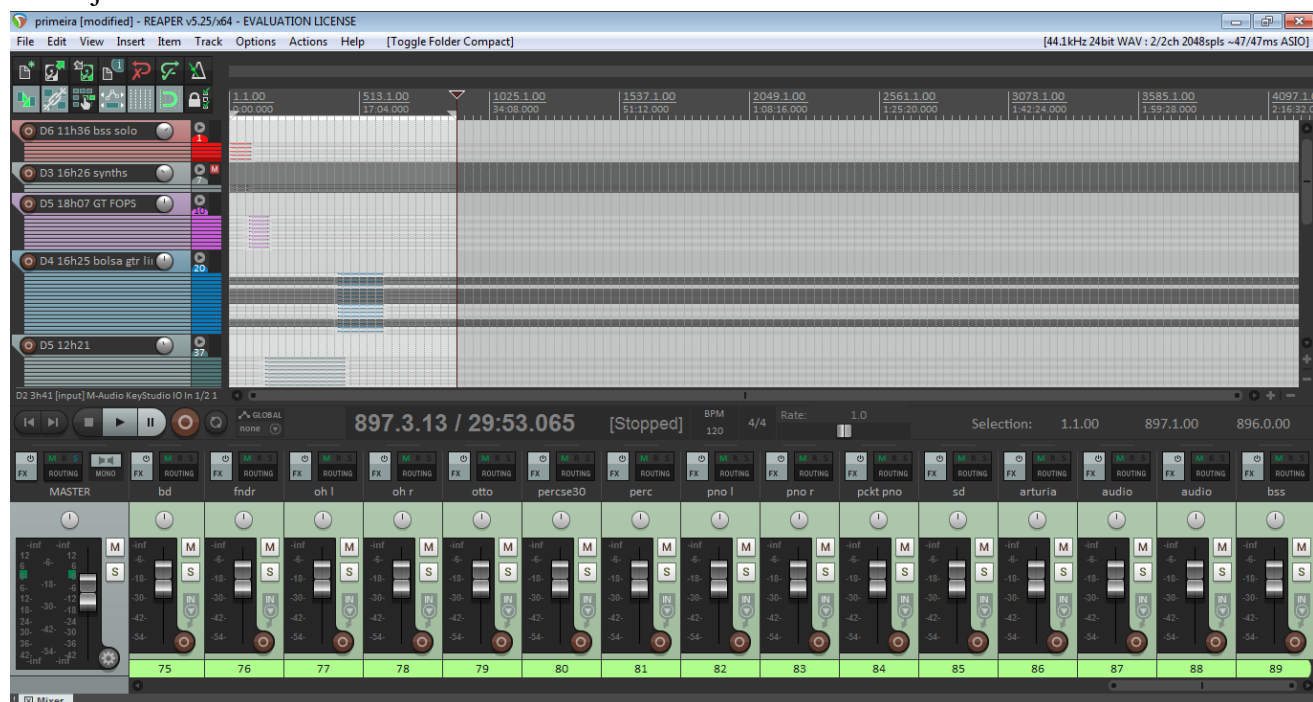
Na mudança para o próximo som, entra um piano fazendo uma cama, outra parte que me pareceu como uma boa transição, e uma guitarra no fundo. Acho bom aqui também da quebra, para o som bem acústico do piano, tocando. Depois voltamos a algo mais eletrônico, do take dia 2, 3h41[21min 25seg], com baixo, sintetizador e guitarra com o take das 16h52 ainda acontecendo. No início deixei esse inteiro, mas arrastei os takes que vinham depois para durante ele, para não ficar tanto tempo nele, além de pegar um take de Nord e bateria, instrumentos que não tinha no take anterior e que, ao meu ver, casaram bem[25min 36seg]. Como transição peguei o take da guitarra com delay reverso[27min 45seg], que antes tinha pretendido usar bem no início, acabou por ficar ótimo aqui, além de no fim haver o Ber contando uma história sobre a talvez criação do delay[30min 36seg], do George Harrison nas gravações dos Beatles, o Leo falando “mensagem subliminar” e Ber acabando com “cara, que mão né” justo quando o volume do próximo som chega no fim do *fade-in*.

Achei que agora merecia um swing, e taquei-lhe o take dia 4, 14h35, que classifiquei como “swing” [31min 21seg]. Peguei um trecho que estava legal e botei ali, entre takes. O próximo é um que acho que muda um pouco o clima do álbum. Pela primeira vez aparece um violão[34min 20seg], com uma guitarra bem pesada – o Ber mais tarde comentou que parece “industrial”. A partir daqui, do fim de um *crecendo* da bateria, botei um take da Zoom[37min 47seg], do dia 4, na cozinha. Começa com o som de frituras, bem

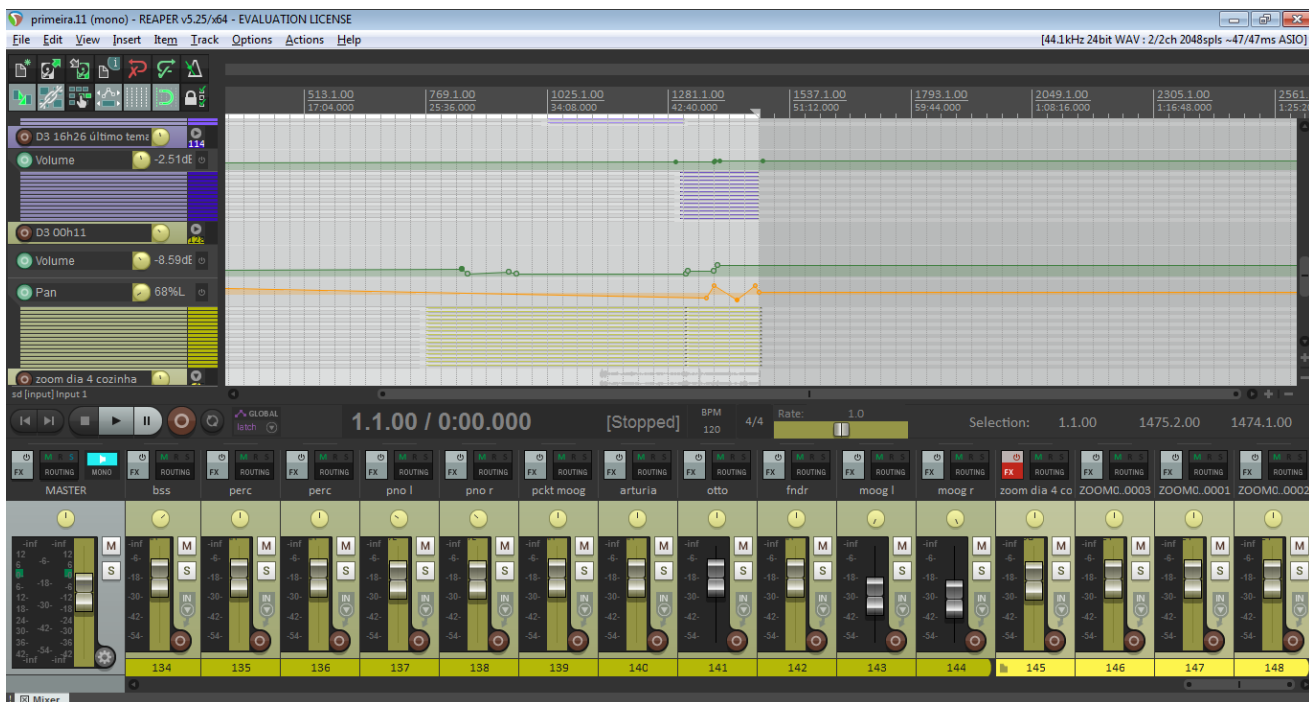
direcionado, depois deixei esse até o fim, com alternância no volume para dar um som do ambiente por trás, com conversas, sons da cozinha e sobras do que estava acontecendo de música no momento, principalmente guitarra e bateria que pega.

Para acabar juntei duas partes de takes ótimas[43min 54seg], o início do take das palmas, do dia 3, 00h11, e um take de piano, baixo, bateria e guitarra. Para acabar me veio um problema: depois de quase 50 minutos, faltava um jeito de acabar. No fim, deixei as falas da cozinha, para retratar um pouco mais o clima que estávamos, e o liquidificador para quebrar o gelo.

Depois de ter acertado a ordem e posicionamento dos takes, comecei a mixar, ajustando volumes e pan, além de utilizar alguns equalizadores para tirar ruídos indesejados.



Tela da primeira versão que fiz, com quase 30 minutos, e 89 canais.



Tela da décima primeira versão, já com o tempo total, várias automações e 148 canais.

Mixagem com Ber

Após eu fazer onze sessões de montagem do álbum e mixagem, fiz um render individual de cada uma das tracks para levar para o Ber mixar, na casinha. Precisei fazer isso, pois usei Reaper e ele usa Cubase. O que saiu da minha foi a maior parte dos volumes estava bem encaminhada, e, além do arquivo de áudio de referência para mixagem, eu já tenho bastante na minha cabeça que partes eu quero que soe mais, principalmente quando tem as sobreposições. Estamos fazendo uma hora e meia, duas horas por dia de mixagem.

Começamos sexta-feira, 4/11, copiando os arquivos entre HDs, e ajustando tudo num projeto do cubase: os agrupamentos entre faixas de instrumentos, de takes de gravações, e demos uma passada geral no TCC, já ajustando o que conseguíamos de *pans* e mixagem, botando alguns compressores também. Os pans que eu tinha automatizado em casa não vieram, além de alguns volumes estarem exagerados, principalmente num take das palmas, que fica no fundo durante boa parte do som: brigou demais com o que deveria estar em primeiro plano. Mas isso já ajudou, pois em alguns momentos já aproveitamos e deixamos um pouco mais alto esse take em algumas partes, fazendo algumas inserções de som, teclado e bateria, mais pro final[41min 16seg].

Sábado, domingo, terça (5,6 e 8/11) trabalhamos também na mixagem, com o Ber botando compressores, EQs e alguns outros plug-ins. Terça comentei de mudar alguns dos volumes das vozes, que, com o tratamento, ficaram diferentes de como eu queria. Sempre

aparecem pessoas na casinha para dar pitacos, também. Tanto pessoas que participaram das gravações quanto alguns outros amigos.

Terça (15/11) fizemos outra sessão, ajustando um pouco alguns volumes. Algumas mudanças que tínhamos feito não ficaram tão boas. Na quarta fiz uma audição com o Pedro e quinta (17/11) mixei de novo com o Ber. Ajeitamos mais alguns volumes e fizemos algumas automações de PAN.

Sexta-feira (18/11) demos os últimos toques na mix e o Rodrigo Messias, colega do Ber na Casinha, deu uma tratada no som, com compressores, limiter e equalizadores, começando o processo de materização do material. Segunda (21/11) eu e Ber trabalhamos na master, chegando a um resultado bastante agradável. Fizemos ainda uma última sessão no sábado (26/11), para acertar detalhes de volume e fazer uma versão também com divisão entre tracks – algo que falarei a seguir.

Mapa do som

A seguir, uma tabela para expor quem participou de cada parte da gravação, junto com o nome que dei aos takes para me achar e quando cada take começa e termina na colagem final. Após a tabela, detalhes que escrevi durante audições.

Data do take(apelido)	Instrumentos e instrumentistas	Início/fim
Dia 6, 11h36 (bss solo)	Baixo acústico – eu	0m00seg/2m43seg
Dia 5, 12h21 (bass+drums depois entra piano)	Baixo acústico – eu Bateria – Dé Piano – Leo	2m40seg/12m56seg
Dia 4, 16h25 (bolsa, gtr linha)	Sintetizador(Bolsa Bass) – Leo Guitarra – Caio Pedais da guitarra – Dé Djembês, respiração, voz em <i>bocca chiusa</i> – Ber Chocalho, bandolim, percussão corporal – eu Vozes – eu, Manu, Caio	12m14seg/27m44seg
Dia 6, 11h56 (primeira parte) (qubração)	Baixo acústico – eu Bateria – Bruno Teclado – Leo Guitarra – Foppa Pedais da guitarra - Dé	18m08seg/20m16seg
Dia 6, 11h56 (segunda parte) (início+love)	Guitarra – Caio Piano - Leo	19m40seg/21m31seg
Dia 2, 3h41	Baixo acústico – eu Sintetizador (Arturia) – Pedro Guitarra – Caio Pedais da guitarra – Dé	21m26seg/31m28seg

Dia 3, 00h11 (Palmas)	Palmas, percussões corporais – eu, Caio, Dé, Bruno, Leo, Lore, Gabi, Ber Bateria – Bruno, Caio Teclado – Leo Pedais da guitarra - Dé	25m36seg/43m52seg 43m54seg/49m08seg
Dia 5, 18h07 (GT FOPS)	Guitarra – Foppa Pedais da guitarra – eu Vozes – eu, Ber, Leo	27m44seg/31m36seg
Dia 4, 14h25 (swing)	Baixo acústico – eu Bateria – Dé Teclado - Leo	31m20seg/34m24seg
Dia 6, 15h32 (52')	Bateria – Caio Sintetizador (Bolsa bass) – Leo Violão – Eu Guitarra – Foppa Pedais da guitarra – Dé	34m08seg/43m44seg
Dia 3, 16h26 (último tema)	Baixo acústico – eu Bateria – Caio Piano - Leo	43m28seg/48m49seg
Zoom – dia 4, cozinha	Vozes – eu, Caio, Dé, Gabi, Leo, Mano Liquidificador - Gabi	37m47seg/49m08seg

0m08seg baixo solo, gravado por mim no dia 6, 11h36. Muito a ver com as gravações que fiz em casa como preparação. Usando cordas soltas para dar uma base rítmica. Motivos que repetem.

2m30seg corda mi solta, a mais grave do baixo

2m40seg junto com uma nota do baixo, entra o take do dia 5, 12h21, com eu no baixo e Dé na bateria. Muita interação, cada um deixando espaços pro outro.

5m02seg Leo entra com um trinado no piano, e Dé logo deixa as baquetas e começa a usar as mãos.

6m05seg diminuímos a dinâmica e pode-se ouvir latidos de cachorro ao fundo. Logo Dé já volta a usar baquetas.

12min16seg no ostinato que chegamos, entra outro take, dia 4, 16h25, também com ostinato, mas com outro instrumento. Leo tocando um sintetizador, Bolsa Bass. E “sobram” algumas baterias do take anterior na transição.

12min40seg acaba o take do trio.

12min45seg começa eu no chocalho e Ber com dois djembês pequenos.

12min54seg já aparecem as primeiras vozes. Eu falando e rindo, e Manu falando.

13min10seg Caio na guitarra, com Garbini mexendo nos pedais. Guitarra não está no amplificador, direto dos pedais para os prés e computador.

13min50seg Leo mexe bastante nos timbres do sintetizador.

14min31 eu entro tocando bandolim, logo a música toma outro rumo. Ber muda a levada da percussão, Leo toca menos notas no sintetizador.

15m25seg “interferência”, Dé usando os pedais da guitarra.

15m40seg ostinato do Leo no bolsa bass.

16m55seg respiração, barulhos de boca do Ber, canto de um passarinho e canto do Ber.

18m08seg fade-in de take, bateria bruno guitarra foppa nord leo eu baixo, com o outro take rolando ainda.

Leo sola.

19m49seg já aparece o piano de outra parte do take do dia 6, 11h56, em ostinato. Segue com Leo tocando piano e Caio na guitarra. Ao fundo ainda o take do dia 4.

20m48seg citação de I Love Her, música dos The Beatles, Leo no piano. Interagindo com Leo do dia 4 no bolsa bass.

21m25seg entra o take do dia 2, 3h41, com Pedro no sintetizador, eu no baixo, Caio na guitarra e Dé nos pedais da guitarra. Ao fundo “esfregadas de mão” minhas e o bolsa bass do leo, do take do dia 4.

24m40seg PAN na guitarra.

25m30seg começa a entrar o fim take do dia 3 palmas. Bruno e Caio na bateria juntos.

25m40seg teclado do Leo do take dia 3.

26m30seg Dé nos pedais.

27m30seg falas: “o take mais respeitado no final” Caio. “era o cachorro, né Dé” eu falo para Dé no fim do take dia 4.

27m47seg entra guitarra Foppa com eu no pedal de delay reverso.

30m37seg no meio dos dois takes de som, dia 2 com sintetizador e baixo, e dia 3 da bateria, aparece o fim do take da guitarra com delay reverso, do dia 6, que tem Ber e eu falando.

31m20seg fade-in de outro take, dia 4, 14h25, trio eu baixo, Leo teclado e Dé bateria.

31m26seg Leo fala mensagem subliminar no take da guitarra do foppa, falando sobre o solo do george harrison e ao mesmo tempo faz uma frase no take que acabou de entrar.

31m28seg Ber fala cara que mão acaba a subida de volume do fade-in

32m56seg bateria do bruno, do take das palmas, sobe o volume e se mistura ao swing.

34m baixa volume dos takes.

34m04seg Bruno toca um sino.

34m11seg entra take dia 6,15h32, com eu no violão.

34m15seg Foppa na guitarra, Dé pedais, Leo no bolsa bass e Caio na bateria.

34m32seg sai os takes do fundo.

36m no fundo volta a bateria do Bruno, take das palmas.

36m45seg Ber faz percussões num balde de metal.

37m21seg começa rufar crescendo na bateria do Caio.

37m47seg quando acaba rufar, entra gravação da zoom: Gabi ajudando a Manu na cozinha, fritando bacon e alguns legumes. Também entra ostinato do Leo no bolsa bass.

38m20seg zoom sai de perto da fritura fica na cozinha, vem guitarra ao fundo.

38m40seg vozes e sons ao fundo, zoom da cozinha.

39m25seg um grito do Gabi, voz da Manu.

40m guitarras e bateria ao fundo, a zoom da cozinha pegando sons de outros takes.

40m40seg muda o clima, mesmo take do dia 6, 15h32.

41m passarinhos nervosos da gravação da zoom.

41m14seg teclados do Leo, take das palmas.

41m52seg sobe o volume da bateria do bruno, do take das palmas.

42m começa a se ouvir a galera falando na cozinha mais nitidamente.

42m20seg sobe bateria do take das palmas de novo.

42m40seg sobe o volume do teclado do Leo, no take das palmas.

43m15seg baterias de dois takes ao mesmo tempo, take das palmas e take do dia 6, 15h32.

43m37seg começa a vir já piano e baixo do take do dia 3, 16h26.

43m50seg para o take das palmas que estava com bateria e teclado, recomeça no seu início, com as palmas.

44m04seg chiado do amplificador.

45m50seg baixada na dinâmica, aparecem a cozinha, gravada com a zoom, e, do take das palmas, várias percussões corporais

46m09seg gelo sendo tirado da forma para o liquidificador.

47m32seg “interferências” do Dé nos pedais da guitarra, ainda do take das palmas.

47m55seg Leo “dialogando” com ele mesmo: frase no piano e um assovio do take da zoom.

48m10seg Ber estalando os dedos nos overs da bateria.

49m05seg Caio, Gabi e Dé falando sobre quebrar o gelo no liquidificador.

Vem liquidificador depois.

Apresentação

Desde o início não pretendi fazer um CD, mas sim uma produção fonográfica que estará disponível na internet, no entanto, além de disponibilizar ele em plataformas como *Soundcloud*, me pareceu justo com o resultado sonoro do trabalho produzir uma mídia física e, depois ainda, veio a ideia de fazer um site como álbum, tanto sonoro quanto com os registros fotográficos que foram feitos. O site está sendo feito ainda.

O nome do álbum é “Quanto Tempo Quiser”, vem do áudio da Zoom, que, no final, o Dé comenta “pode ser quanto tempo tu quiser”, e, apesar de ser um continuum, o dividi em faixas para facilitar a audição de quem quiser ouvir determinada parte. Mesmo acreditando que o álbum faz muito mais sentido do início ao fim, tem que ter uma praticidade para ouvir no carro, por exemplo.

Como capa do CD, eu quis pegar algum registro de Feliz, e escolhi a foto do Foppa, um gol do Leo,(foto) e uma foto da Manu, minha no corredor da casa, andando para a sala. Falei um pouco de ideias de capa com a Manu, também, trocamos algumas referências. Pensei pela foto com uma borda branca, ou uma capa branca com a foto. E nela escrito o nome do álbum, meu nome e o das pessoas que participaram. Na primeira versão, fizemos com as bordas e os nomes em volta da foto. Talvez seja melhor a foto estourada, com os nomes em branco, como lista.

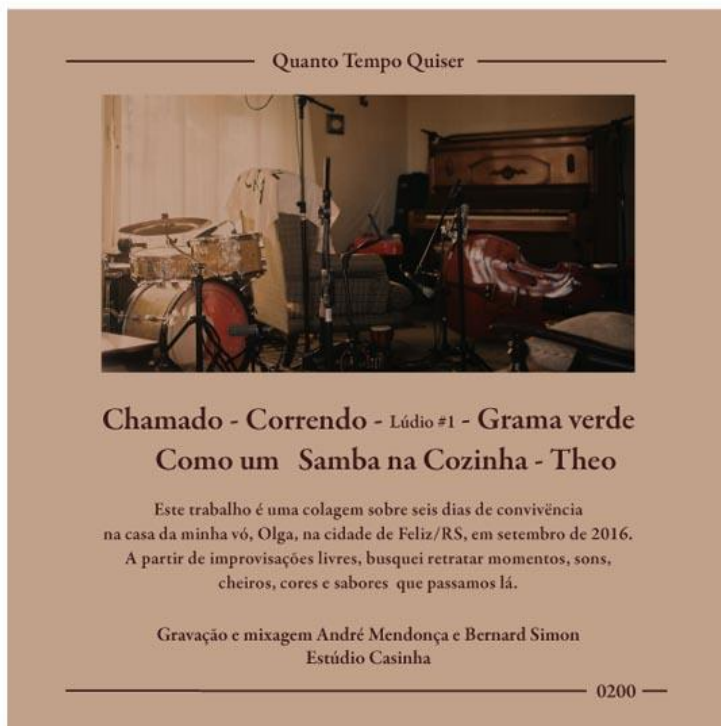
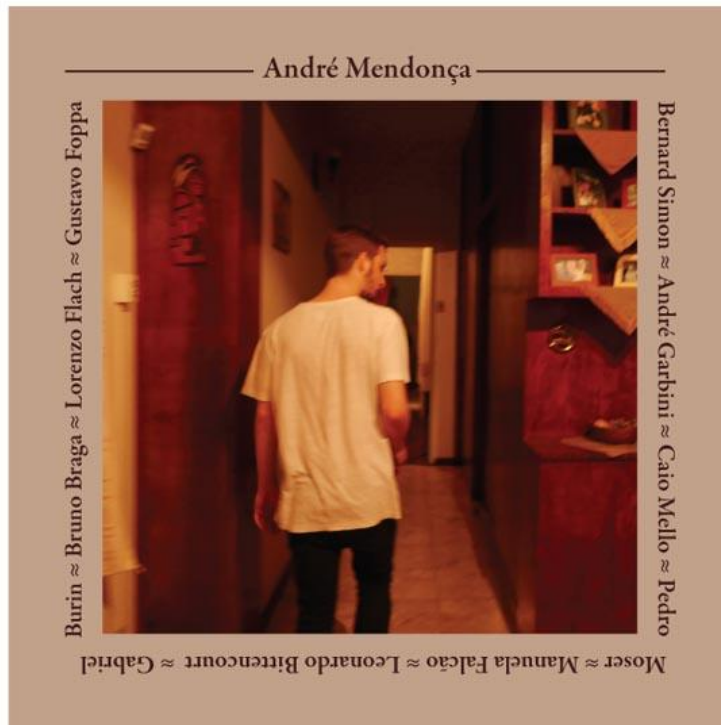
Como contracapa do CD, vou deixar uma foto da sala, um texto explicando um pouco do álbum e algumas informações técnicas: onde e quando foi gravado e da mixagem.

Pensei em todas as escritas serem com minha letra, mas não vale a pena. Só a capa é o suficiente. (fotos capa e contracapa).

Como imagem no *soundcloud*, deixei a foto da goleira.



Foto da goleira.



Capa e contracapa no momento.

Considerações finais

Finalizado o álbum, acho que ficou muito interessante. Começa bem acústico, com o baixo solo, sugerindo que vai continuar nessa direção ao entrar também a bateria e o piano. Acho legal a quebra daí ao entrar a parte de sintetizador, aos 13', que fica uma tensão junto das percussões. Vem a quebra, trio com bateria, e logo já corta para outra transição, com piano e guitarra, e aqui começa já a acontecer nitidamente a sobreposição de takes, me parece que vai ficando um pouco mais caótico e, após a inserção do take com uma levada de jazz, que parece que acalma de novo, logo vem o take do violão, que fica bem aberto. O caos culmina na entrada do som da fritura, e a partir daí fica muito presente o som das vozes na ambiência, além de outros instrumentos. O take final de música volta a organicidade, com piano, bateria e baixo, só que com muito mais elementos, que vinham se juntado durante todo o percurso.

Durante todos estes processos, também surgiu a ideia de montar uma performance ao vivo desse projeto. Conversando com o Foppa, a ideia foi de o palco ser sofás, tapetes, mesas e diversos instrumentos, para ser o mais parecido com o clima que fizemos, tendo espaço pras pessoas tocarem e não tocarem, sem pressa e sem precisar estar sempre tocando.

Uma coisa muito que me chamou muito a atenção foi da experiência dessa gravação para todos envolvidos, foi algo bonito. Uma experiência que uniu todos que foram muito mais, na amizade e na relação musical também. Para mim, abriu muito a forma de ver música, de utilizar texturas e me mostrou como as coisas encaixam: na hora de montar a colagem, era só juntar os takes e parecia que tinham sido gravados juntos. Gostei tanto do trabalho que, apesar de que na ideia inicial eu nem pretendia fazer a mídia física, preparei não só o CD, mas também preparando um site e planejando, havendo performances públicas do projeto ou não, repetir essa experiência.

Referências bibliográficas

Apanhador Só, Antes que Tu Conte Outra (2013)

Brad Mehldau Trio, Blues and Ballads (2016).

Caetano Veloso, Caetano Veloso (1969).

Caetano Veloso, Transe (1972).

Chico Buarque, Chico Buarque (1984).

Chico Buarque, Construção (1971)

Elza Soares, Mulher do Fim do Mundo (2015).

Esperanza Spalding, Junjo (2006)

Gilberto Gil, Expresso 2222 (1972)

Gilberto Gil e Jorge Ben Jor, Gil & Jorge: Ogum, Xangô (1975)

Ian Ramil, Derivacivilização (2015)

Kendrick Lamar, To Pimp a Butterfly (2015)

Kevin Harris Project, Museum Vol. 1 (2013).

Mac Demarco, Salad Days (2014)

Marmota, Prospecto (2015).

Radiohead, In Rainbows (2007).

Rodrigo Amarante, Cavalo (2013)

Omer Avital, New Song (2014).

Rubén López-Cano e Úrsula San Cristóbal Opazo, Investigación artística en música: Problemas, métodos, experiências e modelos (2014).